Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Publicado no site em 06/09/2016

A *Brigadeira* Rafaela Pinto Bandeira

Diego de Leão Pufal
Sócio Correspondente do IHGRGS

A *Brigadeira* Rafaela Pinto Bandeira

A família *Pinto Bandeira* está mais presente em nossas vidas do que imaginamos. Quem já passeou pelas ruas centrais de Porto Alegre, certamente atravessou as terras da chácara que pertenceram à *Brigadeira* Rafaela Pinto Bandeira. Quem percorre as ruas *Pinto Bandeira* e *Coronel Vicente* geralmente não sabe que ambas são homenagens aos seus antigos moradores e doadores dos respectivos terrenos, a mesma *Brigadeira* e o seu marido, o Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire.

Mas as curiosidades não param por aí.

Algumas dessas terras pertenceram à mãe de Rafaela, de mesma alcunha, pois também chamada de *Brigadeira,* dona Josefa Eulália de Azevedo, esposa do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. D. Josefa, por sua vez, por herança do marido e sogros, recebeu a Fazenda do Gravataí, que integra atualmente a cidade de Canoas, município que teve seu desenvolvimento e criação com significativa influência dos *Pinto Bandeira*, o mesmo acontecendo com o de Sapucaia do Sul, por exemplo.

O Coronel Vicente, esposo de d. Rafaela, fez a Revolução Farroupilha, importante movimento sulista, que modificou de forma sensível todo o Rio Grande.

O pai da *Brigadeira* Rafaela, Rafael Pinto Bandeira, foi ativo militar e esteve envolvido em todas as campanhas militares na defesa das possessões portuguesas no Rio Grande do Sul. Tirou proveito de seu histórico familiar, de sua ascensão militar e de seu poder político e econômico, fazendo grande fortuna, amigos, mas também inimigos. A avó materna de Rafaela, Clara Maria de Oliveira, foi filha de povoadores da *Colônia do Sacramento*, no Uruguai, vindos para o Rio Grande do Sul no século XVIII. Já o avô da *Brigadeira*, o Coronel Francisco Pinto Bandeira, nasceu em Laguna/SC no início do mesmo século, tendo sido soldado e tropeiro, seguindo os passos do seu avô, o santista Francisco de Brito Peixoto.

Francisco de Brito Peixoto e seu pai, Domingos de Brito Peixoto, por seu turno, tiveram grande importância na história sulista brasileira, sendo considerados fundadores de Laguna no século XVII e alavancaram,

por consequência, o início da povoação no sul de Santa Catarina e em todo o Rio Grande do Sul. Francisco foi escolhido pelo Governo para explorar os *sertões* do *Continente de São Pedro do Rio Grande*, a fim de povoá-los e tomar posse das terras. Seus descendentes, com o passar das décadas, radicaram-se em todo o Estado, assegurando de vez a posse das terras da Coroa Portuguesa, o que seguido por vários lagunenses.

Todo esse movimento da família Pinto Bandeira, que perdurou durante os séculos XVII e XVIII, reflete e conecta-se com a história do Rio Grande do Sul, perpassando gerações e deixando suas marcas ao longo do tempo. Tanto assim o é, que basta fazermos a nossa genealogia para verificarmos muito possivelmente um parentesco com estes velhos troncos.

***

RAFAELA PINTO BANDEIRA nasceu aos 30 de novembro de 1792 em Porto Alegre/RS[1], tendo como padrinho o vigário José Inácio dos Santos Pereira, que foi pároco da igreja da Colônia[2] e, assim, velho conhecido e amigo de sua família. Foram os pais de Rafaela o brigadeiro **Rafael Pinto Bandeira** e dona **Josefa Eulália de Azevedo**, *a senhora Brigadeira, a mais antiga e respeitável representante das famílias colonistas de Feijós e Azevedos*, que foi *assim chamada e conhecida por ter sido casada com o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, não perdendo este nome nem mesmo casada depois com o desembargador L. C. T. de Bragança*, como nos revela o primeiro cronista de Porto Alegre, Antônio Álvares Pereira Coruja.[3]

Pelas mesmas circunstâncias, Rafaela levou o apelido de *Brigadeira,* como era de fato conhecida, dando nome à *Rua da Brigadeira*, atual Rua da Conceição, que atravessava a sua chácara, bem assim à Rua Pinto Bandeira, ambas em Porto Alegre, ao doar terrenos do loteamento da antiga *Chácara da Brigadeira*.[4]

Aos 19 anos de idade, Rafaela casou-se[5] em Porto Alegre, no dia 12 de outubro de 1812, com o Coronel **Vicente Ferrer da Silva Freire**, nascido em 1781 em Salvador/BA[6] e falecido a 26 de janeiro de 1836, durante a Revolução Farroupilha, assassinado junto com o filho Diogo Pinto Bandeira da Silva Freire em Gravataí.[7]

Vicente foi filho de José da Silva Freire e de Maria Pires Álvares de Miranda, e, assim como sua esposa, dá nome à Rua *Coronel Vicente*[8], em Porto Alegre, também em terreno doado pela *Brigadeira* Rafaela.

O casal de Rafaela e Vicente teve sete filhos: Diogo, Maria Josefa, Rafaela, Maria Sofia, Maria Luísa, Vicente e Maria Amália da Silva Freire.

A *Brigadeira* Rafaela faleceu[9] de *septramia* (tipo de infecção) aos 2 de outubro de 1884 em Porto Alegre, viúva, com 93 anos de idade, encomendada na Capela do Senhor dos Passos e sepultada no cemitério da Santa Casa.

O historiador João Palma da Silva, em seu livro *As origens de Canoas*, traz dois retratos, identificados por ele como sendo o casal cel. Vicente e d. Rafaela Pinto Bandeira Freire. Porém, tal autor equivoca-se na identificação feminina, pois, na realidade, trata-se de d. Maria Josefa Freire, filha do casal cel. Vicente e d. Rafaela.

A imagem feminina utilizada por Palma é um recorte do daguerreótipo que reproduzimos, o qual faz parte do acervo iconográfico do IHGRGS, no qual se retratou mãe e filha: d. Rafaela Pinto Bandeira Freire e sua filha, d. Maria Josefa Freire, que foi casada com Dr. Israel Rodrigues Barcelos.

Daguerreótipo é um processo fotográfico, criado por Louis Daguerre em 1838 e que perdurou até por volta de 1855.[10] Constava de uma fotografia, que era revelada sobre uma placa de cobre polida e que, depois de certo tempo, perdendo sua coloração, ficava brilhante, dando a impressão de ter sido revelada sobre uma lâmina de espelho. A primeira impressão que se tem ao olhar pela primeira vez para um daguerreótipo, parece ser uma obra inacabada, assim como um negativo comum de filme.

Igualmente raros e de difícil preservação e reprodução, eram armazenados em estojos com cobertura que, ao serem abertos, ajudavam a criar a zona escura necessária à correta leitura da imagem. No item custodiado pelo IHGRGS, falta-lhe a tampa superior e, ao olhar-se o original, parece que vemos um espelho jateado com ambas as figuras.

Do acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Imagem do item original, sem retoques.
Na página seguinte, contemplamos o trabalho de reprodução do daguerreótipo, que tem as dimensões 12x15 cm, realizado pelo CEMIPYV (Centro de Memória Pessoal Yuri Victorino).
A partir disso, temos a possibilidade de defrontar-nos com o emblemático semblante da *Brigadeira* e sua filha Maria Josepha da Silva Freire.

A família materna da *Brigadeira*

Como adiantamos, d. **Josefa Eulália de Azevedo**, nasceu no ano de 1763 na Colônia, Uruguai e faleceu[11] aos 25/2/1850 em Porto Alegre, de *febres e convulsões*, com todos os sacramentos aos 87 anos, casando-se[12] com seu primo, o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, e, em segundas núpcias, com o desembargador Luiz Corrêa Teixeira Bragança.

Josefa foi filha do ajudante **José de Azevedo e Souza**, nascido em 1721 na Colônia, Uruguai, onde casou a 24/11/1751 e falecido a 9/7/1788 em Rio Grande/RS[13], e de **Bernardina do Espírito Santo Duarte**, nascida em 1738 na Colônia e falecida[14] a 28/3/1818 em Porto Alegre, neta paterna de **José de Azevedo Barbosa** (nascido em 1693 em Penafiel, Portugal) e de **Maria Marques de Souza** (nascida em 1691 em Valongo, Portugal e falecida a 17/5/1736 na Colônia – esta filha de Nicolau de Souza Fernando e Ana Marques)[15] e, neta materna de **Manuel Duarte Nunes** (nascido em 1694 em Lagares, Coimbra, Portugal e falecido a 4/2/1744 na Colônia, onde casou a 27/2/1724) e de **Antônia Bernarda de Siqueira** (n. 1710, Lisboa, Portugal e fal. 1º/1/1800, Rio Grande).[16]

Como refere Carlos G. Rheingantz, com a tomada da Colônia do Sacramento pelos espanhóis no ano de 1777, teve fim a ocupação daquela praça pelos portugueses. Aprisionados seus habitantes, foram levados para Buenos Aires, retirando-se para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro.[17] Mas antes disso, em 1737, algumas famílias colonistas dali saíram para povoar a vila de Rio Grande e outras que, tendo fugido em 1763, não regressaram à Colônia.

A história vivida pela família de d. Josefa Eulália, que se repete com a de seu primeiro marido, o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, por serem primos como referimos, novamente reflete na povoa rio-grandense.

A família paterna da *Brigadeira*

O Brigadeiro **Rafael Pinto Bandeira** foi batizado em Rio Grande no dia 17/12/1740, mas talvez tenha nascido em Laguna/SC, como referido em seu registro de óbito. Faleceu[18] em Rio Grande a 9/1/1795, aos 56 anos de idade, casado, tendo sido seu corpo sepultado na *Capela-*

mor, em cova de Fábrica da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da qual era seu provedor na época.

O pai de Rafael, o coronel de dragões **Francisco Pinto Bandeira**, nasceu em meados de 1701 em Laguna/SC e faleceu a 15/6/1771 em Rio Pardo, e casou-se com **Clara Maria de Oliveira**, nascida em 1720 na Colônia, Uruguai, e falecida a 1º/1/1781 em Porto Alegre.[19] Foram avós paternos de Rafael: **José Pinto Bandeira** (nascido em meados de 1660/1670 em Valongo, Portugal) e de **Catarina de Brito** (nascida em Laguna/SC, onde faleceu em 1715 – esta filha do fundador de Laguna, Francisco de Brito Peixoto e de Severina Dias, índia carijó) e, neta materna, de **Antônio de Souza Fernando** (nascido por volta de 1690 em Valongo – sobrinho de Nicolau de Souza Fernando, acima referido) e de **Apolônia de Oliveira** (nascida em 1695 em Formedo, Portugal e falecida a 1º/8/1765 em Viamão/RS).

Os Brito Peixoto e, por conseguinte, os Pinto Bandeira, podem ser considerados os desbravadores do *Continente de São Pedro de Rio Grande*. A exemplo disso, Francisco de Brito Peixoto foi escolhido pelo Governo para penetrar nos sertões, com o fito de povoá-los e tomar posse das terras

> abriu estradas de Laguna ao Rio Grande e aos denominados Campos de Buenos Aires, assegurando em final o domínio lusitano sôbre todo aquêle território. 'O prêmio que disso tive, escrevia êle de Laguna, a 18 de janeiro de 1723, foi ir prêso para a vila de Santos, sem culpa alguma mais que servir a El-Rei meu Senhor'. Essa prisão havia sido efetuada em 1720, a pedido do governador do Rio de Janeiro, e Francisco de Brito Peixoto atribuiu-a a intrigas de Manuel Manso de Avelar, morador na ilha de Santa Catarina. Em Santos, Brito Peixoto pôs o governo a par do contrabando que se fazia naquela região, sendo chefe um francês a quem chamavam Pedro Jordão e sócios do mesmo, Manuel Afonso de Avelar e o juiz ordinário de Laguna, Manuel Gonçalves Ribeiro. Livre em 1721, embarcava novamente para Laguna, com a patente de capitão-mor das terras até Rio Grande de São Pedro, pelo tempo de três anos.[20]

Os recortes históricos e genealógicos aqui trazidos apenas e tão-somente revelam detalhes desses personagens, cujas histórias de vida

representam a história colonial, a fundação, colonização e desenvolvimento do Rio Grande.

NOTAS:

[1] ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE (ACHMPA). Livro n. 2º de batismos da Igreja Madre de Deus de Porto Alegre (Catedral), fl. 8.

[2] RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: época colonial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 45. A *Colônia* refere-se à Colônia do Sacramento, no Uruguai, local de origem da avó paterna de Rafaela e de sua mãe.

[3] CORUJA, Antônio Álvares Pereira, 1806-1889. *Antigualhas; reminiscências de Porto Alegre*. Organização e notas de Sérgio da Costa Franco. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1996, 2. ed., p. 107.

[4] FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre:* guia histórico. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, 3. ed., p. 119/317.

[5] ACHMPA. Livro n. 2º de casamentos da Igreja Madre de Deus de Porto Alegre (Catedral), fl. 76v.

[6] RHEINGANTZ, Carlos G. Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976). Rio de Janeiro: Centro de Serviços Gráficos do IBGE, 1979, p. 371.

[7] Estes assassinatos talvez tenham ocorrido na fazenda pertencente a Vicente Ferrer que se localizava no atual município de Canoas, então pertencente a Gravataí (SILVA, João Palma da. *Op. cit.*, 1989, p. 40).

[7] ACHMPA. Livro n.º 5 de óbitos da Igreja Madre de Deus de Porto Alegre (Catedral), fl. 144.

[8] FRANCO, Sérgio da Costa. *Op. cit.*, 1998, p. 420. Franco anota que o Coronel Vicente ocupou funções de relevo na administração militar da Província, e, sendo partidário dos caramurus, foi assassinado pelos farroupilhas, em sua fazenda do Rio dos Sinos, a 26/1/1836.

[9] ACHMPA. Livro n. 11 de óbitos da igreja de N. Sra. do Rosário, fl. 10.

[10] O processo de daguerreotipia chegou a Porto Alegre em 1853, pelo fotógrafo italiano Luiz Terragno.

[11] ACHMPA. Livro n. 1º de óbitos da igreja de N. Sra. do Rosário, fl. 78.

[12] A pesquisa do genealogista João Simões Lopes Filho (RJ), nos livros de Valongo em Portugal, revelou que o bisavô do brigadeiro Rafael, **José de Souza Fernando**, era irmão do bisavô de d. Josefa Eulália, **Nicolau de Souza Fernando,** ambos nascidos em São Mamede, Valongo, na década de 1660, e filhos de Antônio de Souza Fernando, o Velho, e Margarida Antônia.

[13] RHEINGANTZ, *Op. cit.*, 1979, p. 408.

[14] ACHMPA. Livro n. 3º de óbitos da igreja de N. Sra. Madre de Deus de Porto Alegre (Catedral), fl. 107.

[15] RHEINGANTZ, *Op. cit.*, 1979, p. 407.

[16] *Ibid.*, 1979, p. 75.

[17] *Ibid.*, 1979, p. 9.

[18] E não 09/04/1795 como refere RHEINGANTZ (p. 371). A informação original consta no livro n. 3º de óbitos de Rio Grande, p. 82v, do Arquivo da Cúria de Rio Grande/RS.

[19] RHEINGANTZ, *Op. cit.*, 1979, p. 370-371.

[20] FRANCO, Francisco de Assis Carvalho. *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil, séculos XVI – XVII – XVIII. Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo*. São Paulo: 1953, p. 287-288.